

Capítulo 26

RECREAÇÃO

TEATROS E CINEMAS

TEATRO GUARANI

EM sessão de 4 de janeiro de 1902 a Câmara Municipal autorizou o Intendente a despendar a quantia de 4:740\$000 nas obras do Teatro Guarani. Registra a ata de 5 de setembro de 1903 comunicação do Intendente de que forte temporal danificara as obras do Teatro, inclinando suas paredes e destelhado-o. A Câmara autorizou a proceder aos reparos necessários e concede para esse fim a verba de 2:000\$000.

O Teatro Guarani, de linhas graves, situava-se na Rua Dr. Nicolau Fanuele, esquina do Largo do Rosário, no local em que foram construídas várias casas que são hoje de propriedade da Santa Casa de Misericórdia¹.

Em 7 de agosto de 1909 anotamos o pagamento, a Joaquim Miguel Dutra, da quantia de 245\$000 referente a mão de obra e materiais para serviços no Teatro Municipal ou Teatro Guarani, segundo a conta junta.

A lei n.º 65, de 14 de novembro de 1909, autorizou o prefeito a despendar 6:000\$000 para conclusão das obras do referido Teatro. Não encontramos documentos sobre o início dessas obras. É certo, entretanto, que o prédio estava pronto em 1906.

Em 4 de julho de 1914 o dr. Cândido Lobo, vereador, requereu ao presidente da Edilidade que informasse: 1.º Qual a razão por que até hoje não foi cumprida a disposição de lei orgânica municipal que determina sejam apresentados à Câmara trimestralmente os balancetes de receita do município; 2.º Qual a lei que autorizou a conceder a uma empresa particular o uso e gozo do Teatro Guarani gratuitamente.

Em 1917 o cinema funciona regularmente nesse prédio (Cine Guarani) e no dia 9 de julho desse ano exibiu o filme “Dioguinho”².

CINEMA CENTRAL

O Cinema Central funcionava no prédio que ainda hoje é de propriedade da família Marino, isto é, um sobrado na Praça Cel. Joaquim José n.º 34. Estabelecido em 1905, cessou suas atividades em 1910. Segundo depoimento que nos prestou o sr. Vicente Marino, as sessões eram semanais. Quando foi exibido o filme “Os miseráveis”, houve sessão diária durante uma semana. A sua lotação era de 800 pessoas. Não havia cadeiras, mas bancos de madeira enfileirados. Antes da sessão, a banda “Santa Cecília” percorria as principais ruas da cidade, tocando marchas e dobrados. Dissolvia-se à porta do cinema. O sr. Vicente Marino guarda até esse ano de 1977 o aparelho de projeção de origem francesa (Pathé), e nos informou que o mesmo está em excelentes condições, sendo ótima a qualidade da imagem que produz.

¹ - Câmara Municipal de Caconde – Docs. avulsos.

² - Em 1919 a firma Fanuele, Paiva & Cia. propôs a compra do Teatro (ata de 10-7-1919).

O Cine Central foi reaberto em 1915, sob responsabilidade da firma Fanuele, Ribeiro & Castro, conforme notícia da “Cidade de Caconde” de 1.º de junho desse ano.

“A Comarca” de 16-1-1916 informa a reabertura do Central Cinema “que está funcionando regularmente, exibindo filmes de real valor artístico.

CINEMA PAULISTA

Informou-nos o sr. Antônio Maringoli (1976), que no prédio atual do supermercado existia em 1909, ou antes, o Cine Paulista, de propriedade da Cia. Sul Mineira de Filmes. O prédio situa-se na rua Washington Luís esquina da rua Floriano Peixoto.

CINE VARIEDADES – CINE GUARANI (NOVO)

O Teatro Variedades, onde é hoje a Escola Catequética, foi construído pelo sr. Pedro Tortoreli, como informa “A Cidade” de 12-8-1918. Foi inaugurado a 23 de maio de 1919. Ali, segundo a notícia, deviam funcionar cinema, clube recreativo, sala de bilhares, “buffets” e tudo quando preciso para dar descanso ao espírito. Passou, depois, a chamar-se Cinema Guarani, nome que conservou até seu fechamento como consequência da abertura do Cine Alvorada, no largo da Matriz. Esse cinema tinha frisas laterais, reservadas às famílias importantes da cidade e às autoridades (a estas gratuitamente). Na platéia havia bancos de madeira. O sinal para as sessões eram dados por meio de rojões. Em 1940 o sr. Pedro Biondi, arrendatário do cinema, passou a usar uma sirene. Foi também arrendatário o sr. Artur Maringoli.

CINE ALVORADA

Situa-se no largo da Matriz. Foi inaugurado no dia 7 de março de 1959.

Contou-nos os sr. Rosário Megna, que residiu durante muito tempo em Caconde, que na década de 40 a eletricidade era tão ruim, que o arrendatário do Cine Guarani, Pedro Biondi, solicitava às famílias que não ligassem suas lâmpadas na hora de projeção dos filmes, no que era geralmente atendido, pois a cidade não possuía então outros divertimentos, a não ser os eventuais bailes.

Do fato de a geração de energia ser assim horrível aproveitava-se determinado cidadão e colocava lâmpadas de 16 velas em sua casa. Quando alguém reclamava que estava muito escuro, vinha resposta, culpando a companhia fornecedora de eletricidade!

Era tão precário o serviço de eletricidade da usina local que bastava dar um relâmpago e cem quilômetros de distancia para que ela se desligasse imediatamente.

BANDAS DE MÚSICA

Segundo noticiário da “Cidade de Caconde”, existiam em 1914 as bandas de música “Concórdia” e “Santa Cecília”. O mesmo jornal informa, em 1917, que a banda Santa Cecília fora fundada por Vicente Cândido Júnior há quarenta anos, portanto em 1877.

Desde o ano de 1912 existia um coreto no Largo da Matriz e nele a banda “Santa Cecília”, dirigida pelo maestro Vicente Cândido Júnior, dava as suas retretas dominicais. Esse coreto foi demolido em 1920. A lei n.º 191, desse ano, autorizou o prefeito a despender a quantia de 3:000\$000 para construção do Coreto da Praça dos Guaranis (Largo da Matriz). Contam os mais antigos que no coreto de 1912 existia um subsolo, onde ficavam presos os animais que, por ocasião das festas e quermesses, eram vendidos em leilão (cabras, cabritos, carneiros, galinhas, perús etc).

Em 1917 também existia em Caconde a banda de música “Conceição”. Nesse ano, com o falecimento do maestro Vicente Cândido Júnior, a 11 de setembro, passou a corporação a ser dirigida pelo maestro José Veríssimo de Carvalho (Juca Veríssimo).

A Banda Santa Cecília estava organizada em 1926, pois nesse ano requereu à Prefeitura uma verba para tocar no Jardim da Matriz.

ENTREVISTA

Sobre as antigas bandas de música ouvimos em junho de 1977 o sr. Benedito de Almeida, que nessa época tinha 74 anos de idade e ainda tocava pistão na “Banda Santa Cecília”. Nasceu ele em Caconde e ingressou na referida Banda em 1922. Benedito de Almeida foi gerente do jornal “A Sentinela”, há muito tempo fora de circulação. Lembra-se que o Largo da Matriz não era calçado, a igreja tinha duas torres baixas e em frente um cruzeiro e um chafariz.

Na sua época as músicas mais tocadas eram os dobrados “Órfãos” e “Traidor”. Como não tem as partituras, não pode citar os nomes dos autores. Benedito de Almeida, mais conhecido pela antonomásia de Ditinho, compôs um dobrado “Dr. Nilson”, uma valsa com o título de “Maria Regina”, duas marchinhas “Eliane” e “Maria Cecília”. A Banda Santa Cecília nunca tocou as suas músicas, com exceção dos dobrados, pois as partes eram para piano. Compôs também uma valsa denominada “João Tobias”, em homenagem ao seu companheiro daquela Banda, ainda vivo neste ano de 1977, mas que não participa da corporação.

Segundo depoimento de próprio punho do Ditinho, a Banda Santa Cecília foi organizada pelo maestro Vicente Cândido Júnior. Anos depois passou à direção de José Veríssimo de Carvalho, genro de Vicente.

Mais tarde o sr. Rafael Ielo organizou a Banda “Santa Terezinha”, tendo por maestro o sr. Antônio Aielo. Por ocasião **das** festas do Centenário da Cidade, em 1924, era maestro da Banda Santa Cecília o sr. Mozart Cândido de Araújo.

A “Banda da Vargem” foi organizada pelo sr. Aprígio A. Silva (Aprígio Rocha) e por seu irmão Alfredo.

Transferida a residência de Aprígio para Divinolândia, a banda ficou sob direção do sr. Virgílio Guimarães, no ano de 1922³. Logo depois esta banda foi dissolvida e então o padre João Miguel de Angelis organizou uma nova banda com os antigos músicos e alguns alunos, tendo vindo o maestro Laudelino, de Muzambinho. Depois ficou sendo orientador o músico José Tigani. Existiam nessa época duas bandas: a do Padre e a do Mozart Cândido de Araújo. Posteriormente a Banda do Padre João Miguel de Angelis foi dissolvida, como consequência de sua transferência para São Simão (1929). Alguns músicos passaram, então, a integrar a banda Santa Cecília, dirigida por João Praxedes de Araújo e em seguida pelo maestro Mozart. Depois deste, a banda passou a ser regida pelo sr. Benedito de Almeida.

Anos mais tarde, sendo prefeito o sr. Hugo Mazzilli foi novamente organizada a diretoria da banda, vindo a dirigi-la o maestro Julio Grão, de São João da Boa Vista, tendo ensinado vários rapazes.

Em 1976 a Banda Santa Cecília, a única que conseguiu sobreviver, estava funcionando com vários músicos antigos e alguns alunos, regida pelo maestro Delcizo Poli.

Segundo nos informou o sr. Benedito de Almeida a Banda Santa Cecília foi dirigida também, pelo maestro italiano João Soriani. Havia nessa época o crioulo Ismael, que tocava “baixo”. Mas de ouvido. A banda chegou a ter mais de 30 elementos. Todos os domingos havia retreta no coreto do Largo da Matriz. Diz Benedito de Almeida que no tempo do padre

³ - O sr. Virgílio Guimarães, que era dentista, possuía também um conjunto musical, que tocava em bailes da cidade e de outras cidades vizinhas. O conjunto era composto por ele, uma filha e três filhos. Todos tocavam vários instrumentos.

Miguel de Angelis havia muitas festas, de que a banda participava. “O padre atual não quer saber de bandas nas procissões”, disse-nos ele.

Conta Benedito de Almeida que quando a Banda Santa Cecília foi ensaiar um trecho da “Traviata”, o maestro Soriani notou que Ismael não tinha partitura. Indagou:

--- O negrão não tem a parte?

--- Ele toca de ouvido.

--- De ouvido? Assim não vai!

--- Mas foi muito bem, pois Ismael aprendia a musica instantaneamente. Assim, o seu “baixo” não prejudicava em nada. O maestro Soriani tinha pelo negro Ismael grande estima.

- A lei n.º 5, de 5 de setembro de 1936, criou uma escola de música gratuita, em dois períodos, diurno e noturno. Foram fixados para o maestro os vencimentos de 120\$000. Devia ele ensinar os rapazes que quizessem participar da banda, além de regê-la.

AS VELHAS MÚSICAS

As sessões cinematográficas eram acompanhadas por um pianista ou uma pianista. Em Caconde, em 1924, era pianista a jovem Pascoalina Ielo, que nos forneceu a seguinte lista de musicas por ela tocadas naquela época, no acompanhamento dos filmes:

DESCRENÇA – Valsa de A. Joyce e letra de Cândido Costa.

IDA – Habanera – P. Nimac, sem letra.

BAMBINO – Tango – Ernesto Mazaré, sem letra.

MANHÃ FATAL – Valsa – Américo Jacomino (Cacnhoto) – Não há indicação do autor da letra.

TRISTE CARNAVAL – Valsa.

JÁ SE ACABÔ – Tanguinho.

FLOR PAULISTA – Schottisch

AI, BAMBINA – Tango. Estas duas musicas são de Américo Jacomino (Canhoto).

REVIENS – Valsa – Fragson Cristiné

SOUVENIR DOULOUREUX – A. D. Miceli Pellegrino – Valsa.

PREMISSEMENTS DU COEUR – Valsa – Gaston Bernier, sem letra

SOBRE AS ONDAS – Valsa – Juventino Rosas, sem letra

MOLINOS DE VENTO – Valsa da opereta “Pablo Luna”, sem letra.

DOCE ENLEIO – Valsa – Rita Cavalcanti, sem letra.

OLHOS QUE FALAM – Valsa – Elvira Dinamarco, sem letra

DOUCE AMOR – Valsa – G. Bernier, sem letra

GERMINAL – Valsa – Elvira Giusti, sem letra

DUQUESA DO BAILE TABARIN – (opereta) – Valsa – Arranjo de Di Costa, sem letra.

LINDA – De Amorim – Valsa, sem letra

MALOMBERA – G. Blanc - Valsa

DOCES PALVRAS – Schottisch (lê-se chotis) – A. de Carvalho

TRISTE SOLEDADE – Valsa – J. de Aguiar

AS SENHORITAS DO BOM RETIRO – Valsa – A. Izzo

ALMA EM FLOR – Valsa – Marcelo Tupinambá

SOB UM PECEGUEIRO – Scherzo – Melo Dias – Palavras de Paulo Setubal.

A VALSA DA MORTE – PIC-NIC TRÁGICO – SOOU A HORA DE
EXTINGUIR-SE O NOSSO AMOR – TRISTE – SAUDADE

DE ADELAIDE – Valsas, todas de autoria de Germano Benencase.

IOLANDA – Mazurka – Luigi Guida.

Era esse o tempo em que se tocava, também, a eterna “Cumparsita” de Matos Rodrigues.

GRUPOS DRAMÁTICOS

Havia em 1912 o Grupo Dramático “Filhos de Thalma”.

Em 1919 foi criado o Grupo Dramático “Ordem e Progresso”, que levou à cena, em 18-5-1919, o drama “Fogo no Céu” e a comédia “Um disparate cômico”. Anunciava-se a próxima apresentação do drama “Artur, o jogador”.

Em 1920 foi criado o Grupo Dramático “Capitão Vargas”, que era dirigido e ensaiado pelo capitão Hortêncio Vargas, advogado.

Em 1921 foi fundado o Grupo Dramático “XV de Novembro”. Sobre esses grupos não dispomos senão das informações veiculadas pelos jornais da época.

ESPORTE CLUBE CACONDENSE

Em 1920 já apareciam notícias desse clube de Futebol.

BAILES

Eis um retrato da cidade em 1909:

“As famílias colocavam cadeiras nas calçadas, defronte de suas residências, para longas palestras vespertinas, que podiam arrastar-se noite a dentro, se fosse bom o tempo. O ponto preferido dos rapazes era defronte a casa de Arlindo de Castro, onde se realizavam animados bailes, casa que outrora pertencera a Domiciano de Souza Dias⁴, genro do cap. Domiciano José de Souza, no Largo da Matriz. Foi depois, durante muitos anos, sede do Líder Clube, no mesmo local em que foi construído o moderno prédio da Associação Atlética Caconde.

As reuniões dançantes eram puxadas a valsas e a quadrilhas, com a musica de Joaquim Sinfrônio (harmonista), João Luís Júnior e Joaquim Luís dos Santos. O carnaval era o mesmo carnaval dos limões de cheiro, o balde d’água, o repuxo, as máscaras, as bisnagas perfumadas, as fantasias de pierrot, de arlequim, de colombina e de urso. Não havia os cordões, o samba, o fox-trot.

As companhias dramáticas “Couto Rocha” e “Santos Silva”, visitaram Caconde⁵, dando seus espetáculos no Teatro Guarani. Estrearam sob os acordes da Banda “Santa Cecília”, regida pelo maestro Vicente Cândido.

O clube local funcionava na casa situada na esquina das ruas General Daltro Filho (hoje rua Francisco Maia) e Duque de Caxias, que em 1930 era propriedade de Antônio Augusto de Araújo. Eram seus diretores o dr. Cândido Lobo, Pedro Argemiro Vargas e João Hortêncio Vargas.

CLUBES

⁴ - Existia outro Domiciano de Souza Dias, sobrinho do cap. Domiciano.

⁵ - “Cidade de Caconde” de 10-8-1939.

As festas religiosas eram muito concorridas, graças aos esforços dos vigários locais, especialmente no tempo do padre João Miguel de Angelis e do padre Guilherme Arnold, que depois foi ser vigário em São José do Rio Pardo.

Havia também animadas pescarias no rio Pardo. E já em 1939 queixava-se “Cidade de Caconde” de que essas pescarias se haviam tornado escassas, em virtude de uma barragem erguida no rio Pardo, na Fazenda Fortaleza, de propriedade do dr. Jordano da Costa Machado. Não foram construídas escadas para a subida dos peixes. A propriedade passou depois ao sr. João Batista de Lima Figueiredo, que também não se preocupou em solucionar o problema. Os seus herdeiros nada fizeram. Agora, com as barragens do Limoeiro e Euclides da Cunha, a pescaria no rio Pardo se tornou absolutamente nenhuma.

O Líder Clube, atual Associação Atlética Caconde, no Largo da Matriz, foi fundado no dia 08 de dezembro de 1943, em reunião presidida pelo sr. Adelino Ângelo de Oliveira, sendo a seguinte a sua primeira **diretoria**: Sebastião Ferreira Barbosa, presidente; dr. Honório Dias de Siqueira, vice-presidente; José F. Borges Júnior, 1.º secretário; Francisco Sinisgali Nigro, 2.º secretário; Paschoal Mazzilli Neto, tesoureiro; Prof. Antônio Fernandes, Gonçalves, orador e Antônio Samuel de Souza, procurador. **Conselho Consultivo** – Francisco Leonel de Paiva, dr. Domingos Placo, Cel. Joaquim José de Oliveira Martins, Antônio Augusto de Araújo, Adelino Ângelo de Oliveira e Martinho Noronha de Araújo (Tio Sinhô). A mesma diretoria foi reeleita para o período 1935/1936⁶.

Para o período de 1928/29 foi eleita e empossada a seguinte diretoria: presidente, Dib João; vice-presidente, Martinho Noronha de Araújo; 1.º secretário, Amélio Justino de Bastos; 2.º secretário, Salvador Bueno; tesoureiro, José Mario Mazzilli. Conselho Consultivo – Cel. Joaquim José de Oliveira Martins, cel. Francisco Leonel de Paiva, dr. Domingos Placo, Domingos Mazzilli Sobrinho e Antônio Augusto de Araújo. Procurador, João Marçal de Oliveira.

A Associação Atlética Caconde está concluindo, neste ano de 1977, seu moderno e majestoso edifício no Largo da Matriz.

Nesse mesmo logradouro público o Caconde Futebol Clube construiu sua nova sede, que tem caráter provisório. Este clube também é muito antigo.

UNIÃO OPERÁRIA CACONDENSE

Depois de reuniões preliminares realizadas nos dias 4, 7 e 12 de maio de 1913, na casa de José Nogueira de Almeida, decidiu-se fundar a União Operária Cacondense, sendo a iniciativa do citado José Nogueira de Almeida, Febrônio de Almeida, Roque de Almeida, Henrique Sormani, Savério Tortorelli, Ricarti Normandia de Paiva, João Gomes Ferreira, André Jorge Júnior, Procópio Carlos Nogueira e Hermenegildo Honorati.

No dia 20 de novembro do mesmo ano foi realizada na casa de Savério Tortorelli a primeira sessão preparatória para a fundação da sociedade, sendo eleito presidente o sr. Virgílio Reducino Guimarães. A segunda sessão foi no mesmo dia, ficando eleita a seguinte diretoria por aclamação: presidente, Virgílio Reducino Guimarães; vice-presidente, Savério Tortorelli; 1.º secretário, Arthur Mathes; 2º secretário, Alfredo da Silva Rocha; 1.º tesoureiro, Silvio Tardelli; 2.º tesoureiro, Aprígio Antônio da Silva, procurador, José Francisco Gomes; orador oficial, Hermenegildo Honorati; bibliotecário, José Nicolini. Comissão de Sindicância – Romeu Kuhl, João Guilherme Cruz e José Matias. Comissão de Finanças e Justiça – Henrique Sormani, João Batista da Cruz e José Nogueira de Almeida. Comissão hospitaleira – Carlos Schemecker, Aníbal Polí e Rafael Trugiliano. Foram adotados os estatutos da Sociedade Operária de São João da Boa Vista. Fixou-se a jóia em cinco mil réis e a

⁶ - Martinho Noronha de Araújo foi escrivão do registro civil de Caconde durante muitos anos.

mensalidade em dois mil réis. A diretoria tomou posse em sessão de 22 de novembro de 1913. Era um clube recreativo, também chamado de Clube Operário Cacondense. Em 1914 a mesma diretoria foi reeleita. Foi presidente em 1915 o sr. Rafael Ielo. A última ata é datada de 17 de julho de 1917⁷.

AS SERENATAS

A nosso pedido e especialmente para este capítulo, o cacondense Alcides de Araújo Vargas escreveu o seguinte sobre as velhas serenatas:

“Leitor de Álvares de Azevedo, Castro Alves e Casimiro de Abreu, entre os antigos e de Menotti Del Picchia, Paulo Setubal e Olegário Mariano, entre os novos de então (1925-1930), eu me intoxicara de romantismo, de poesia e de lirismo. Assim, não desdenhava e não dispensava uma serenata, que tinha muito desses ingredientes emocionais. Elas, porém, eram raras e não pão de todo dia, ou melhor, manjar de toda a noite. Mas uma vez ou outra surgia um violão e um cantor, para uma seresta. Este era quase sempre, o Pedro Bitencourt, mais conhecido como Pedro do Zeca Augustinho, sapateiro de dia e boêmio à noite, dono de bela voz, clara, forte, expressiva.

A Confeitaria do Afonso Moreira e Artur Mathes, no Largo da Matriz, junto ao Clube dos Fenianos, era o centro da vida noturna daquele tempo. Lá se reuniam, à noite, os boêmios, os notívagos e os afeiçoados do jogo de cartas. Por vezes havia roleta, campista e víspera, como num cassino-mirim. Lá pela meia noite o jogo esmorecia e findava e a confeitaria-cassino fechava as portas. Os donos iam para casa e nós para a seresta. Nós: quase sempre eu, o Elpidio Maia, o Candinho Lacerda, o Baeta, o Antônio Samuel e o Ibrahim Nogueira. Já sabíamos de antemão da serenata, porque o Pedro do Zeca Augustinho, abraçado ao violão, num dos reservados da confeitaria bebia umas e outras para se animar. Emborcado o último trago, iniciava-se a ronda musical pelas ruas da cidade adormecida, branca de luar e imersa em silêncio. De esquina em esquina, junto aos postes de luz elétrica, o violão e a voz sonora do cantor ecoavam pela noite, enchendo de sons tristes a quietude do velho burgo adormecido. Nenhum ruído perturbava o silêncio da noite. Só a voz límpida e melodiosa do cantor e os soluços do violão, subindo para o céu cheio de estrelas e de luar. Nós, corações moços, repletos de sonhos e de ilusões, adivinhávamos, através das janelas cerradas, as nossas bem amadas que, por certo, ouviam a serenata que embalava o sono da velha cidade: “Lua, manda a tua luz prateada despertar a minha amada”. Quanta saudade!”

ESPORTE

Em 1942 Caconde possuía apenas um clube de atletismo: o Fênix Atlético Clube, com sede própria e que possuía excelente quadra de bola ao cesto. Foram seus fundadores Ari Argemiro Vargas e Pedro Biondi.

⁷ - O Livro de Atas de que transcrevemos os dados supra encontrava-se, em julho de 1977, em poder do sr. Cadorna Poli.



Participantes da União Operária Cacondense e sua banda de música. Fotografia de data ignorada. Este clube existia ainda em 1942. A casa pertencia à família Tortorelli



Quinteto do Fenix Atlético Clube. Possuia também um quadro de voleibol. A sede e a quadra eram no terreno em que está a casa que pertenceu ao comendador Umbelino Fernandes. Fotografia tirada em 1933. A letra "F" marca as cestobolistas de Caconde. Vemos da esquerda para a direita: Lourdes Lemes, Clárisse de Araújo Lobo, Orazilda Lemes, Venina Lemes, Irma Bitencourt, Zizi Moreira, Dinorah de Araújo Lobo. Na fila em pé, as jogadoras de Mococa.